



## **A permanência da leitura da Bíblia como prática social diante das transformações de produção e distribuição pelo mercado brasileiro.<sup>1</sup>**

Elisa HOERLLE<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **Resumo**

A Bíblia Sagrada é o livro mais traduzido, distribuído e lido de todos os tempos. Sua abrangência prepondera no Brasil, líder mundial na produção e exportação do produto. Este trabalho preocupa-se em avaliar os apelos de venda presentes na nova oferta de Bíblias, decorrentes da profissionalização da indústria de produtos evangélicos no país. Por outro lado, pretende-se verificar as práticas sociais envolvidas nos hábitos de leitura e consumo do livro, que permanecem engajados na vida em congregação.

### **Palavras-chave**

Bíblia Sagrada; mercado; práticas sociais.

### **1: A Bíblia como produto de Indústria Cultural**

#### **1.1 O maior livro do mundo**

A Bíblia Sagrada é o documento de maior abrangência que a humanidade produziu. Ela é o livro mais traduzido, distribuído e lido de todos os tempos. Está disponível pelo menos em parte em 2.426 línguas (ABNB n. 216, p. 05), o que equivale a 95% da população mundial (ABNB n. 215, p. 28).

A tradução empreendida por João Ferreira de Almeida é a obra mais editada em língua portuguesa (ALVES 2006, p. 289). Apenas no Brasil, conta com mais de 1763 edições publicadas (idem). Dessa forma não é de se admirar que a Bíblia é também o livro mais lido no País. No ano 2000, uma pesquisa da Câmara Brasileira do Livro revelou que pelo menos 18% da população tinham nas Escrituras a escolha literária mais rotineira. (SILVA, 2007, p. 10).

Documento público para toda a humanidade (FENN, 1963, p. 405), a Bíblia repercute sua influência em toda a cultura ocidental, penetrando seus temas na literatura, na música, nos ditos populares, nas artes plásticas, cinema, etc. Esse é o domínio de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Fabico-UFRGS, email: elisahoerlle@gmail.com



estudo da disciplina denominada “história da recepção”, que parte da premissa que a Bíblia, como portador de cultura, tem efeitos mais abrangentes do que a própria teologia admite (MILTON, 2005, p. 86). Entretanto um estudo mais aprofundado do impacto do livro na sociedade brasileira demandaria uma pesquisa à parte, e não será abordado nesse artigo.

Parte da sua enorme popularidade deve muito às Sociedades Bíblicas distribuídas ao redor do globo.

Filiadas a uma fraternidade chamada Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), elas somam 145 unidades com atuação em mais de 200 países. No ano de 2006, só as SBU foram responsáveis pela circulação de mais de 25,7 milhões exemplares da Bíblia (ABNB n. 216, p. 05).

No ano seguinte, a distribuição mundial cresceu 5%, atingindo 27 milhões de cópias (ABNB n. 221, p. 30). A expansão das atividades das sociedades bíblicas pelo mundo configura uma tendência positiva para a penetração do produto.

Nesse cenário a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) desempenha um papel fundamental na produção e distribuição para o mundo inteiro, despontando como líder em exportações. Esse mérito será abordado mais pormenorizadamente ao decorrer do presente trabalho, que objetiva contextualizar a Bíblia como fenômeno editorial no Brasil, desdobrando as mudanças presentes no mercado religioso e o impacto provocado nas práticas sociais que envolvem o consumo do livro.

## **1.2 SBB e Gráfica da Bíblia**

A SBB é a maior produtora e distribuidora de Bíblias do mundo e, desde a sua fundação, em 1948, já distribuiu mais de 60 milhões de exemplares do livro (ABNB n. 219, p. 10). Em território nacional, são mais de 5 milhões de Bíblias distribuídas anualmente. Em 2008, a Sociedade quebrou seu próprio recorde, com a distribuição de 5.250.301 de livros. Os números superam com larga vantagem os países seguintes no ranking da SBU: China (3 milhões), EUA (2,3 milhões), Coreia (1,94 milhões) e Índia (1,35 milhões) (ABNB n. 221, p. 30).

Desde sua inauguração, em julho de 1995, a Gráfica da Bíblia, localizada no município de Barueri, estado de São Paulo, já exportou produtos para 102 países (ABNB n. 222, p. 07), cumprindo à risca o seu lema institucional: “Dar a Bíblia à pátria’ em ‘Dar a Bíblia ao mundo”. A gráfica é equipada com impressoras rotativas e



têm capacidade para produzir 1,2 milhão de Bíblias por mês, trabalhando em dois turnos (ABNB n. 215, p. 10-11).

Até aqui a principal fonte de dados pra introdução do trabalho foram edições da revista “A Bíblia no Brasil”, produzida pela SBB e distribuída nacionalmente em uma tiragem média de 85 mil exemplares. A editora também disponibiliza uma versão em PDF para download em seu portal<sup>3</sup>. O artigo prosseguirá descrevendo a profissionalização da indústria de produtos evangélicos no país, que culmina em uma nova expressão de consumo de Bíblias e em apelos de venda bastante diferenciados.

### **1.3 A nova oferta de Bíblias no mercado brasileiro**

Em reportagem para a revista Istoé Dinheiro (MAHMOUD, 2006), Iana Coimbra, assessora de marketing e comunicação do grupo Diante do Trono, comenta que a profissionalização das atividades da Igreja, ocorreu sobretudo nos últimos dez anos, como um reflexo da mudança do perfil do evangélico, cada vez mais exigente com a qualidade.

Na mesma reportagem, o organizador da quinta edição da “ExpoCristã”, evento para expositores do ramo, garante que a cada ano há um crescimento de 8% no mercado consumidor brasileiro, com a abertura de cerca de 14 mil novas igrejas. Os bens simbólicos em questão estão presentes não somente em livrarias evangélicas, mas também nos departamentos “gospel” de grandes redes de varejo como Saraiva e Siciliano, e também são populares entre o público católico.

Há mercados em franca expansão. O de livrarias, por exemplo, conta com uma Associação Brasileira de Editoras Cristãs, a ABEC, que reúne cerca de 80 editoras, e uma Associação Nacional de Livrarias Evangélicas (ANLE), com cerca de 1500 pontos de venda. (MAHMOUD, 2006).

As Bíblias permanecem como carro-chefe dessa indústria, aparecendo nos formatos mais variados para atender às necessidades e preferências dos consumidores. Conforme mencionado anteriormente no item 1.1, a tradução empreendida por João Ferreira de Almeida conta com mais de 1763 edições publicadas somente no Brasil. Cabe agora detalhar a diferença entre traduções e edições. Cabe também tentar explicar o que as diferencia, e porque existem tantas disponíveis no mercado.

---

<sup>3</sup>

<[www.sbb.org.br](http://www.sbb.org.br)>



As traduções mais utilizadas entre os evangélicos são versões da tradução de Almeida: Revista e Corrigida, Revista e Atualizada, Corrigida e Revisada Fiel, etc. Nas congregações, os fiéis costumam adquirir a mesma versão que é usada pelo pregador, a fim de acompanhar mais adequadamente as eventuais leituras públicas. Ainda tocando às traduções, existem Bíblias bilíngues, que adaptam a diagramação tradicional, separando um idioma para uma das duas colunas da página. Dessa forma os versículos ficam lado a lado, favorecendo a comparação. Os casos mais comuns de Bíblias bilíngues são de exemplares do Novo Testamento em Português-Inglês e em Português-Grego. Também aparecem versões do Antigo Testamento em Português-Hebraico, para estudiosos do idioma em que o texto foi originalmente escrito.

A segmentação continua por propostas visuais diferenciada. A Bíblia não é mais aquele livrinho tradicional de tamanho médio e capa preta de couro, eventualmente guarnecida com zíper e índice digital. As novas opções de diagramação incluem:

- a) Propostas ergonômicas: versões de bolso para facilitar o transporte, versões em letra grande (ou gigante) para idosos e deficientes visuais, versões em cores especiais para ressaltar determinados trechos da leitura (profecias, falas de Jesus);
- b) Propostas decorativas: nesse item entram as versões que se diferenciam meramente pela estética, sem apresentar nenhuma outra função especial: Bíblias esportivas em estilo basquetebol, Bíblias com capa em jeans, em pelúcia cor-de-rosa (fig.1), executiva, com estampa militar camuflada, emborrachadas, capa tipo carteira com glitter e velcro, capa tipo agenda, etc;
- c) Projeto Bíblia de Afinidade (fig.2): geralmente corresponde à edições comemorativas (aniversários de organizações, bodas de prata, debutantes), em que a capa e um encarte interno são personalizados de acordo com o pedido do cliente.

Igrejas, empresas, organizações e até mesmo pessoas físicas têm à disposição um serviço que permite fazer uma edição da Bíblia ou do Novo Testamento com sua logomarca ou associada a alguma data especial. (...) “No caso de Bíblias, o pedido mínimo é de mil exemplares; já para o Novo Testamento é preciso encomendar uma tiragem de pelo menos 5 mil”. (ABNB n. 214, p. 20)

Em 2006, 2,4 milhões de exemplares de Bíblias – o equivalente a 42% do total distribuído no ano – foram produzidos de forma personalizada para igrejas das mais diferentes denominações (ABNB n. 215, p. 10-11)



Além da diferenciação por tradução e por proposta visual, algumas bíblias se diferenciam pelos seus complementos em anexo, como chave-bíblica ou hinário atachados ao final do volume. Até aqui foram oferecidas categorias de Bíblias “comuns”, que neste trabalho convencionam-se como opostas às Bíblias “de estudo”. As Bíblias comuns podem apresentar alguns auxílios para o leitor, como mapas, cronologia e referências cruzadas, que são pequenas indicações ao pé da página, que remetem a repetição da mesma passagem alhures no volume (muito comuns nas citações que Novo Testamento faz do Antigo ou nos casos de paralelismo entre os quatro evangelhos).

As Bíblias “de estudo” diferem das “comuns” por incluir notas explicativas na maioria das páginas. Nas Bíblias de estudo os auxílios ao leitor são mais abundantes. Algumas delas incluem na diagramação, além de notas de rodapé, caixas de textos auxiliares, que pretendem narrar histórias análogas aquelas contidas no primeiro nível de leitura. Embora Erní Seibert (apud SILVA, 2007, p. 102) Defenda que as Bíblias desse tipo surgiram no mercado a partir da década de 1970, o que aconteceu foi um recrudescimento do mercado a partir do fenômeno de reencantamento religioso, que será abordado no capítulo seguinte. As Bíblias de estudo não tiveram um lançamento definido. Elas remontam desde a formação do livro, no período da atividade dos copistas em manuscritos na forma de rolo, que faziam anotações marginais explicativas.

A primeira vista pode parecer que as Bíblias de estudo são direcionadas a um público mais erudito, mas os apelos de venda são os mais variados (e inclusivos), como, por exemplo, na Bíblia do Surfista:

A Bíblia do Surfista traz o Novo Testamento na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) permeado por depoimentos de surfistas de diferentes gerações sobre a importância da Palavra de Deus em sua vida. (...) tem projeto gráfico contemporâneo, que inclui história em quadrinhos e ilustrações, além de adotar uma diagramação similar a de um livro comum, em uma coluna. O design chama atenção ainda pelos grafismos e tipo de letras (...) a Bíblia do Surfista traz expressões utilizadas pelos jovens, garantindo maior empatia com esse público. Entre os recursos oferecidos estão introdução aos livros bíblicos, referências cruzadas, *notas textuais e vocabulário*. (ABNB n. 213, p. 33, grifos meus)

Existem Bíblias de estudo específicas para mulheres, para famílias, para pastores, para alcoólicos anônimos (Despertar). Bíblia de estudo batalha espiritual e vitória financeira (fig.3), Bíblia com orientações de saúde. A oferta de Bíblias de estudo é igualmente abrangente à de Bíblias comuns. Dentro desta categoria existem ainda



muitos segmentos. A *Bible Store* do portal de vendas Amazon.com propôs uma categorização preliminar de Bíblias de estudo no seu catálogo de vendas<sup>4</sup>, incluindo Bíblias de diferentes heranças teológicas (ex: Bíblia de Genebra), Bíblias com foco histórico-cultural, Bíblias comentadas por pregadores célebres (ex.: Scofield, Shedd) entre outras.

Fica claro que a segmentação de mercado, a diferenciação forçada do produto e a variedade de apelos de venda não acompanha as necessidades do público, pois supera largamente sua capacidade de apreensão. Existem tantos modelos de Bíblia pela mesma razão que existem tantos modelos de sabonete, não por uma necessidade real dos consumidores, mas por uma estratégia mercadológica que almeja diferenciar produtos que na verdade possuem o mesmo valor de uso.

Enquanto uma Bíblia comum custa menos do que R\$ 20, uma Bíblia de estudo custa em média R\$ 100. Os hábitos de consumo de Bíblias serão abordados no capítulo 4, mas para a presente discussão vale trazer à tona que o comprador de uma Bíblia de estudo na maioria das vezes já possui uma Bíblia comum. Da mesma forma, uma menina que adquire uma Bíblia decorada com plumas pink não vai utilizar o produto na sua vida adulta. Certas Bíblias decoradas produzirão a necessidade de reposição do produto.

Os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos, que o capitalismo encontra, são consumidos até o osso e transformados em mercadoria para turismo, propaganda para TV... São rebaixados a objetos de curiosidade do espectador urbano. (BOSI, 1987, p. 24)



Fig. 1: Bíblia decorada



Fig. 2: Bíblia por afinidade

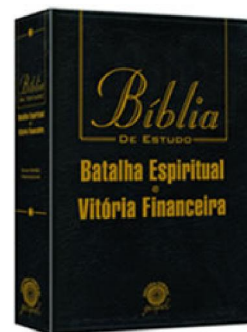


Fig. 3: Bíblia de estudo

<sup>4</sup>

Disponível no atalho <[bit.ly/tkf4B](http://bit.ly/tkf4B)>.



## **2: Industrialização e recrudescimento das igrejas pentecostais**

Muitos autores apontam a industrialização como causa de sofrimento para o homem: Durkheim (apud WHITE, 2002, p. 13) denuncia a industrialização como causa da fragmentação social. Semelhantemente, Bosi (1987, p. 26) acusa o capitalismo de consumir e desagregar valores conquistados pela práxis coletiva. Na sociedade capitalista avançada a religião ameniza tensões (WHITE, 2002, p. 13), ressurgindo enquanto um novo tipo de moral (OLIVEIRA 2005, p. 11).

Nesse contexto os freis Mesters e Orofino relacionam o êxodo rural no Brasil com o fortalecimento do movimento pentecostal:

o fenômeno intrigante da evasão em massa dos fiéis das igrejas tradicionais para as igrejas pentecostais, que tem a ver com a mudança socio-econômica havida nos últimos 50 anos. Na metade do século XX, em torno de 75% da população brasileira vivia no campo, área rural. A industrialização e o êxodo rural produziu uma mudança radical. No censo de 2001, 82% da população vive na cidade e somente 18% no campo. (MESTERS & OROFINO, 2002)

Os autores prosseguem explanando que a autoridade moral e social exercida pela Igreja Católica foi dessa forma cooptada pela experiência comunitária nos grupos pentecostais das periferias das grandes cidades. Essa mudança apresenta como aspecto positivo não somente a evidente intensificação da leitura da Bíblia pelos fiéis pentecostais, que repercute no incremento do mercado, mas também um resgate de leitura pelos próprios católicos nas Comunidades Eclesiais de Base. O desenvolvimento do método de leitura popular da Bíblia apareceu como reação ao que os católicos chamavam de "ameaça protestante", tradicionalmente mais arraigados à leitura que os católicos.

Por outro lado, percebemos pelas informações expostas desde o início do trabalho que a própria liturgia passa por um processo de industrialização no tocante a seus bens simbólicos religiosos.

A liturgia não pode refletir o consumismo, cuja norma é a velocidade da inovação, desvalorizando o já usado. (BOSI 1987, p. 39)

A liturgia poderia ser um fator privilegiado de enraizamento. Bastaria que ela guardasse a memória da sua origem grega: *leitoygía*, serviço ou atividade feita pelo povo. (...) O enraizamento é um direito humano esquecido. O migrante vem chegando à cidade com as raízes partidas. a liturgia poderia enraizá-lo, criar e reviver tradições, valores, lembranças que dão sentido à vida. (BOSI 1987, p. 41)



Nessa altura é possível afirmar o que a primeira vista soaria paradoxal: ainda que reflita o consumismo, a liturgia continua, como nas palavras de Bosi, “serviço ou atividade feita pelo povo”, e permanece como fator enraizador para seus fiéis. No próximo capítulo serão fornecidos argumentos para o desdobramento do problema.

### **3: As práticas sociais no desenvolvimento da Bíblia**

#### **3.1: O desuso da tradição de leitura pública e o correspondente impacto comunitário**

A Bíblia deve suas origens à atividade de compiladores da tradição oral movidos pela intenção teológica de manter a vida em comunidade daqueles que se identificavam como “o povo de Deus” (ACKROYD, 1970, p. 79). A atividade comunitária não figura somente entre os reprodutores e compiladores da tradição oral, mas também no intenso intercâmbio epistolar das congregações cristãs emergentes durante a formação do cânon do Novo Testamento (EVANS, 1970, p. 240).

Roger Chartier e Roland Barthes trazem à lume que a Bíblia foi originalmente concebida para ser lida em público. Era essa a função da linguagem clássica, ela instituía um universo onde os homens não estavam sós, onde a fala era sempre o encontro com outrem. A linguagem clássica é uma linguagem imediatamente social (BARTHES, 1973, p. 51). Chartier completa que a leitura em voz alta alimentava o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco, ou do encontro casual, para passar o tempo. (CHARTIER 1998, p. 143)

A invenção da imprensa na modernidade mudará o cenário. O barateamento dos custos de produção e a multiplicação dos livros culminará no desuso das sessões de leitura pública. Surgem nos séculos XIII e XIV os primeiros textos que impunham silêncio nas bibliotecas (CHARTIER 1998, p. 119). Chega-se à situação contemporânea em que a leitura em voz alta é finalmente reduzida à relação adulto-criança e aos lugares institucionais. (CHARTIER 1998, p. 143)

O desuso da leitura pública afetará também a maneira como as pessoas leem a Bíblia. A leitura em cultos domésticos ou nas igrejas não é mais a maneira dominante. De fato, como veremos adiante, a leitura pública da Bíblia nas igrejas ficou restringida a pequenos trechos. Resta-nos compreender, portanto, como que a interpretação das



Escrituras, que foi sempre considerada como dever das Igrejas (FENN 1963, p. 389) permanece como práxis coletiva diante dessa mudança estrutural dos hábitos de leitura.

### **3.2: Hipertexto e práticas sociais de interpretação**

O item 1.3 do artigo apresentou a inserção das Bíblias de estudo no fenômeno editorial do mercado evangélico. Essas Bíblias se diferenciam por transpor os tradicionais auxílios ao leitor, inserindo em seu projeto gráfico notas explicativas que muitas vezes funcionam como proposta interpretativa adequada a determinado grupo social (mulheres, surfistas, alcoólicos anônimos). De acordo com a terminologia de Lévy e Chartier, trataremos essas notas de rodapé como hipertextos, como conectores de textos distintos.

Tais notas agem como intermediários entre um texto considerado de valor eterno e um leitor moderno, cujos horizontes são necessariamente limitados pelas suas necessidades e seus interesses imediatos (...) Leitores humanos precisam de comentários somente porque suas necessidades e interesses paroquiais podem cegar ou distraí-los. (GRAFTON, 1997, p. 31-32, tradução minha)<sup>5</sup>

Muitos autores criticam essas interpretações. Para Bosi (1987, p. 36), as interpretações contidas em folhetos religiosos condenam ao fechamento uma obra aberta, turvam a fonte de significação infinita e impedem a livre decodificação. O autor propõe que essas interpretações poderiam converter-se numa rápida apresentação histórica. A crítica de Santos em relação à Bíblia de Scofield (2008, p. 04) têm cunho mais teológico, pois denuncia que "quem tem Bíblia de Scofield possui a Bíblia e um sistema doutrinário em um só livro".

Entretanto este artigo defende desde seu título que as práticas sociais interpretativas não se extinguem pelas mudanças do mercado ou pelo processo capitalista de industrialização. Desde seu princípio a Bíblia foi constituída como uma atividade do povo, não foi instituída de cima para baixo. Dessa forma ela permanece interpretada no cerne da vida em congregação. Como vimos no capítulo 1.3, as Bíblias de estudos possuem apelos diferenciados entre si, e de alguma forma todos eles propõe a inclusão dos mais diversos segmentos.

---

<sup>5</sup> Such notes act as intermediaries between a text considered to be of eternal value and a modern reader whose horizons are necessarily limited by immediate needs and interests (...) Human readers need commentaries only because their parochial needs and interests may blind or distract them



Mesters & Orofino, quando descrevem o método de leitura popular da Bíblia, realizado nas Comunidades Eclesiais de Base, apontam aspectos que também estão bem presentes na prática dos evangélicos:

A leitura é feita em Comunidade. É, antes de tudo, uma leitura comunitária, uma prática orante, um ato de fé. (...) é importante ter nos olhos não só a fé da comunidade, mas também fazer parte efetiva de uma comunidade viva e buscar o sentido comum aceito por esta comunidade. (MESTERS & OROFINO, 2002)

Os resultados parciais da pesquisa, apresentados no fim do artigo reforçam essa premissa, e explicam como uma indústria desse porte é sustentada a partir de práticas congregacionais, e pelo bom e velho boca-a-boca.

#### **4: Hábitos de consumo e leitura: decisão de compra, importância das referências, lugar afetivo do objeto na vida familiar**

Dando continuidade ao projeto de pesquisa, um estudo piloto foi conduzido para verificar de que forma e em que contexto se estabelecem as práticas sociais que envolvem a leitura, o consumo e a anotação de glosas em bíblias comuns e em bíblias de estudo. Este é o objetivo principal. Seguem abaixo os objetivos específicos, o universo e a amostra, a metodologia e os resultados parciais. Tomamos por leitor habitual o que lê a Bíblia pelo menos uma vez por semana.

##### **4.1: Objetivos Específicos**

- 1) Apurar informações sobre o ritual e hábito de leitura individual, sobre o tempo nele investido, se é precedido ou finalizado por orações e se apresenta outros aspectos relevantes ao problema de pesquisa.
- 2) Analisar a relação do crente com o objeto material, observando a disposição do livro no lar, quantos exemplares possui e como os adquiriu.
- 3) Verificar a importância sentimental que o objeto possui para os fiéis a partir da doação e dedicação estabelecidas como prática social.
- 4) Verificar as condições de produção de comentários, anotações e marcações.
- 5) Verificar a influência exercida pelas anotações contidas em Bíblias de estudo na interpretação do significado.



## **4.2: Universo e Amostra**

O universo que a pesquisa visa abranger é de leitores habituais da Bíblia em congregações protestantes das classes AB em Porto Alegre. O pastor João A. de Souza<sup>6</sup>, membro da rede SEPAL<sup>7</sup>, conduziu no início da década um esforço pioneiro no mapeamento das igrejas evangélicas na cidade, catalogando 416 locações, sem diferenciação de classe social. Infelizmente, muitas congregações ainda permanecem sem registro junto à SEPAL. Além disso, tendência positiva de abertura de novas igrejas (conforme o capítulo 1.3) demonstra a dificuldade de acompanhar o fenômeno com mais exatidão. Por estas causas, definir o universo demandaria uma pesquisa à parte.

Dessa forma o trabalho procederá avaliando uma amostra de conveniência. O objetivo é realizar 25 entrevistas em profundidade entre grupos ou famílias oriundas de pelo menos 5 congregações diferentes. Entretanto, para esta etapa preliminar do trabalho, foram realizadas duas entrevistas entre cinco leitores habituais de Bíblias de estudo, participantes das congregações: Encontros de Fé, Assembléia de Deus (Matriz) e Comunidade.

## **4.3: Metodologia**

A primeira entrevista foi procedida individualmente, e rendeu detalhamento maior em relação às perguntas proferidas. A segunda foi realizada na residência de um pastor da Assembléia de Deus, com mais três de seus familiares presentes, após o almoço de Domingo. Nesta ocasião foi interessante observar a interação entre os membros da família, que auxiliavam-se uns aos outros em determinadas respostas. Algumas Bíblias estavam disponíveis encima da mesa, servido de auxílio para exemplificar as questões sobre o material para didático nelas presente.

Foi empregado um questionário com 65 perguntas objetivas divididas em 4 blocos:

Individual Geral – relativo a todos leitores

Individual Comparativo – entre leitores de Bíblias comuns e de Bíblias de estudo

Individual Estudo – relativo aos leitores de Bíblias de estudo

---

<sup>6</sup> Agradeço ao pastor por ceder a planilha com o catálogo das igrejas.

<sup>7</sup> A rede SEPAL (SErvindo a PAstore e Líderes) é uma organização que fornece recursos à pastores e líderes evangélicos de diversas denominações em todo o Brasil. Está disponível no endereço <[www.lideranca.org](http://www.lideranca.org)>.



Grupo Comparativo – relativo às práticas de leitura em grupo entre ambos os tipos de leitores

As respostas foram anotadas pelo pesquisador em uma tabela para cada entrevistado. Estas tabelas estavam avulsas à matriz das perguntas.

#### **4.4: Resultados Parciais**

Ficou evidente que as notas explicativas nas Bíblias de Estudo gozam de elevada reputação entre os leitores. Nenhum deles acusou qualquer suspeita em relação à sua integridade. A entrevistada C.C. comentou somente que já houve casos em que não conseguiu compreender o significado proposto. J.E. salientou que na Bíblia de estudo que lê as notas explicam-se por si próprias, ou seja, em casos em que o sentido da leitura pode ser controverso tal Bíblia faz referências à notas contidas alhures no codice. Ela mostra mais de um lado do problema. De maneira semelhante o entrevistado J.D. já encontrou diferenças de sentido em notas de Bíblias de estudo distintas remetentes a um mesmo texto. Esse leitor possuía seis Bíblias de estudo diferentes, e estava atento às novidades lançadas no mercado. Possuindo tal repertório em relação ao tema ele sentia liberdade de fazer anotações encima de tais notas, atribuindo ao texto o significado que considerava mais correto.

Este entrevistado foi o único que mencionou a influência do mercado na decisão de compra de uma nova Bíblia. O entrevistado P.G. ganhou de presente do pai sua Bíblia de estudo após observar o mesmo produto sendo consumido pelo irmão. De maneira semelhante o entrevistado J.E. revelou que pretendia comprar uma Bíblia de estudo que conheceu através de um parente. Portanto a relação social estabelecida na compra de uma nova Bíblia é um aspecto muito importante. Curioso, numa indústria desse porte a divulgação ainda é feita no boca-a-boca, como comentou a gerente de marketing da editora Mundo Cristão em entrevista a revista Istoé Dinheiro (MAHMOUD, 2006).

Adquirir uma Bíblia pensando em presentear alguém é tão ou mais comum do que comprar uma nova Bíblia para leitura pessoal. Todos os entrevistados comentaram já terem ganhado uma Bíblia ou dado como presente. A dedicatória acompanha a doação. É comum que as Bíblias permaneçam na família depois da morte de um ente



querido. A entrevistada M.A. manteve a Bíblia do esposo depois do seu falecimento. Livros com anotações marginais frequentemente tornam-se um registro afetivo (JACKSON, 2001, p. 72). Esta senhora assume a leitura pessoal da Bíblia como prática familiar, dedicando todos os dias a leitura de um Salmo para cada parente (filhos, netos e bisnetos). Nesse clima todos os entrevistados intercalam a leitura da Bíblia com momento de oração.

A pesquisa também demonstrou que a marcação é bastante comum tanto em Bíblias de estudo quanto em versões mais simples. Entretanto as Bíblias comuns pelo peso menor são preferidas para os que carregam o objeto consigo ou o guardam no carro. A leitura pública dos textos em cultos na igreja ou em cultos domésticos parece estar rareando, frente ao aumento do nível de alfabetização dos crentes, bem como a facilidade de adquirir o objeto. Não é comum ler capítulos inteiros, a leitura fica restrita a trechos curtos ou versículos.

#### **4.5: Indicações**

O questionário empregado precisa de alguns ajustes que facilitem a sua aplicação. Infelizmente algumas perguntas serão deixadas de lado para que o pesquisador possa conduzir as entrevistas com mais facilidade, prestando atenção nos objetivos propostos no projeto de pesquisa. Dessa maneira algumas questões quantitativas em relação ao hábito de leitura serão deixadas de lado. O bloco “Grupais Comparativos” deve ser repensado, uma vez que a ocorrência da leitura em grupo pareceu muito menos presente do que o esperado. Por causa disso o trabalho prosseguirá questionando a resignação da leitura à intimidade, contrastando com a interpretação procedida socialmente.

#### **5. Conclusão**

A nova oferta de Bíblias no mercado brasileiro emerge do incremento do setor gráfico dentro da profissionalização das atividades de igrejas evangélicas. Os principais apelos de venda apresentados envolvem edições bilíngues, propostas ergonômicas, propostas decorativas, Bíblias personalizadas (de Afinidade) e Bíblias com auxílios especiais de leitura (Bíblias de Estudo).



Ainda que cooptada como produto de indústria cultural, a Bíblia permanece sendo consumida no seio da vida em congregação, numa prática orante. Nesse clima, adquirir uma Bíblia pensando em presentear alguém é tão ou mais comum do que comprar uma nova Bíblia para leitura pessoal, os fiéis usarão a mesma versão que é usada pelo pregador nos cultos, os compradores de Bíblias de estudo escolherão o produto principalmente pela recomendação de amigos. Tendo isso em vista, ainda que procedida individualmente e em voz baixa, a leitura da Bíblia permanecerá prática social, ou então, como nas palavras de Chartier, (1998, p. 143): "um encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco".

### **Referências bibliográficas**

ACKROYD, P.R. The Old Testament in the making. In: \_\_\_\_\_; EVANS, C.F. (eds.). **The Cambridge History of the Bible**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1970. p. 67-113.

ALVES, Herculano. A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida. In: **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Ano V, nº 9/10, 2006. p. 289-302.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita, seguido de Elementos de semiologia**. Lisboa: Edições 70. 1973.

**Bíblia No Brasil, A**. Barueri: SBB, ano 59, n. 214, jan-mar 2007.

**Bíblia No Brasil, A**. Barueri: SBB, ano 59, n. 215, abr-jun 2007.

**Bíblia No Brasil, A**. Barueri: SBB, ano 59, n. 216, jul-set 2007.

**Bíblia No Brasil, A**. Barueri: SBB, ano 60, n. 219, abr-jun 2008.

**Bíblia No Brasil, A**. Barueri: SBB, ano 60, n. 221, out-dez 2008.

**Bíblia No Brasil, A**. Barueri: SBB, ano 61, n. 222, jan-mar 2009.

BOSI, Ecléa. Cultura e Desenraizamento in: BOSI, A. (org.) **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. p. 16-41.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

EVANS, C.F. The New Testament in the making. In: ACKROYD, P.R.; EVANS, C.F. (eds.). **The Cambridge History of the Bible**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1970. p. 232-284.

FENN, E. The Bible and the missionary. In: GREENSLADE, S.L. (eds.). **The Cambridge History of the Bible: The West from the Reformation to the present day**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1963. p. 383-407.



GRAFTON, A. **The footnote: a curious history**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1997.

JACKSON, H.J. **Marginália**. New Haven, London: Yale University Press, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

MAHMOUD, Laila. Negócios da Fé. **Istoé Dinheiro**, São Paulo, 30 out. 2006. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoedinheiro/reportagens/negocios\\_da\\_fe.htm](http://www.terra.com.br/istoedinheiro/reportagens/negocios_da_fe.htm)>. Acesso em: 17 jun. 2009.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Sobre a leitura popular da Bíblia**. 2002. Disponível em: <[http://ar.geocities.com/rebilac\\_coordcont/mesters\\_orofino](http://ar.geocities.com/rebilac_coordcont/mesters_orofino)>. Acesso em: 23 dez. 2008.

MILTON, Alexander Leslie. História da recepção da Bíblia: novos enfoques na pesquisa britânica. In: **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 1, nº 2, 2005. Disponível em: <[www.oracula.com.br/numeros/022005/artigos/84milton.pdf](http://www.oracula.com.br/numeros/022005/artigos/84milton.pdf)>. Acesso em: 11 dez. 2008. p. 84-99.

OLIVEIRA, F. L. de. O Campo da Sociologia das Religiões: secularização versus a "Revanche de Deus". In: **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**. Florianópolis, v.2, nº 2, 2005. Disponível em: <[www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewArticle/724](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewArticle/724)>. Acesso em 9 jan 2009.

SANTOS, Valdeci S. As Anotações da Bíblia de Scofield sob uma Ótica Reformada. In: **Fides Reformata**, v. 5, nº 1, 2000. Disponível em: <[www4.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_V\\_\\_2000\\_\\_1/Valdeci.pdf](http://www4.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_V__2000__1/Valdeci.pdf)>. Acesso em: 11 dez 2008.

SILVA, Wagner Bandeira da. **E-BIBLE: Características de hipertexto na Bíblia impressa e digital**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG\\_0651.D2W/SHOW?&CdLinPrg=pt&Cont=10438:pt&CdNatCon=TE](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_0651.D2W/SHOW?&CdLinPrg=pt&Cont=10438:pt&CdNatCon=TE)>. Acessado em: 17 jan 2008.

WHITE, Robert A. Teorias da mídia e religião: sua evolução ao longo de 150 anos. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo Vol. 4, nº 1, jun 2002. p. 11-27.